

Poder, literatura e memória: a representação da tirania em Luciano de Samósata

Nayara Rodrigues Vinhal 1

Edson Arantes Junior 2

1 Bolsista UEG modalidade PVIC/UEG, graduando no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual de Goiás Campus de Uruaçu nayararodriguesvinhal@hotmail.com.

2 Orientador, Doutor em História. Professor dos cursos de História, atual diretor da Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu.

Resumo:

No presente artigo, *Poder, literatura e memória: a representação da tirania em Luciano de Samósata*, temos o objetivo de discutir a representação da tirania por meio da obra *O Tiranocida*. No discurso *O Tiranocida*, de Luciano de Samosáta, apresenta os argumentos de alguém que se diz tiranicida. Esse “tiranocida” reclama os benefícios advindos por matar indiretamente o tirano de uma cidade grega. O homem que pede a esses benefícios, diz que matou o filho do tirano, este ao ver o filho morto se mata; desse modo esse homem se diz um tiranicida. Para corroborar essa tese ele analisa a legislação grega que beneficia o tiranicida, bem como os benefícios que a morte desse tirano traria; além de outros argumentos que pudessem levar ao convencimento de que ele realmente é um tiranicida, e que sua ação foi de fundamental importância para aquela cidade. Luciano de Samosata, escreve essa obra no período século II d.C., em que a tirania não é mais uma instituição existente, já que o Império Romano dominava as cidades gregas. Nesse sentido nos questionamos sobre a intencionalidade de se retomar esse “velho” tema nesse período.

Palavras-chave: Luciano de Samósata. Tirano. Tiranocida. Império Romano. Retórica.

Introdução

O presente trabalho, *Poder, literatura e memória: a representação da tirania em Luciano de Samósata*, contribui para a discussão em torno da relação entre gregos e romanos, em um período em que o Império Romano dominava vários territórios, inclusive o grego; partimos do pressuposto de que em uma relação de dominados e dominantes, existem formas de resistência, assim como que um poder necessita de uma legitimação para se perdurar. Assim sendo discutiremos as

múltiplas formas de resistência, ao poder tirânico na obra *O Tiranicida* de Luciano de Samósata.

Luciano era um sírio fascinado pela cultura grega (também chamada de helênica), escrevia suas obras em grego ático. O escritor viveu durante o século II de nossa era, em um período em que o Império Romano dominava várias regiões, entre elas a região em que viviam o povo grego. Os romanos dominavam politicamente, o povo grego, porém não culturalmente, pois a cultura grega se fazia dominante mesmo entre os próprios romanos. Os gregos mantinham o orgulho de serem gregos; em suas memórias, havia a doce lembrança de tempos em que não estavam sobre o domínio de outro povo (bárbaro).

O Imperador ou um governante ligado a ele, em sua administração política, interferiam na vida dos gregos, em suas leis, impunham o seu poder, eram obrigados a cultuar o imperador, lhes arrancavam a sua autonomia, independência, até mesmo a liberdade de se expressar contra o regime político, características que se assemelham a imagem que Samósata apresenta em sua obra em relação ao tirano, a tirania. Dessa forma a análise da obra: *O Tiranicida*, é importante para que possamos refletir as imagens que cercam o poder e podê-los relacioná-los aos aspectos da cultura política romana.

Material e Métodos

A nossa pesquisa *Poder, literatura e memória: a representação da tirania em Luciano de Samósata*, busca a imagem do tirano tendo em vista suas relações com o Império Romano. Tal compreensão se constrói com a identificação de elementos retóricos usados por Samósata em sua confecção textual, assim como a identificação das atitudes dos tiranos, para que então possamos relacionar os aspectos da cultura política romana e os presentes no texto. Utilizamos textos referentes a Luciano de Samósata e de suas obras, assim como de textos referentes ao período grego-romano, além dos que discutem retórica.

Resultados e Discussão

A obra luciânica de que estamos analisando começa com a apresentação de um argumento que traz informações sobre o que se trata a discussão, tal argumento

é direcionado a um tribunal, (ao que da a entender, já que fala se referindo aos jurados.), que consiste tornar conhecido que, um homem após subir à acrópole com a intenção de matar o tirano, mata o seu filho e deixa a espada do crime cravada no corpo do jovem, sendo que vem depois o pai e ao vendo filho morto se matou com a espada que estava no corpo do filho. Deste modo o dono da espada agora, reclama a recompensa por ser tiranicida.

O homem ao se referir aos jurados reclama para si a recompensa alegando ser um tiranicida. De acordo com o suposto 'tiranicida', ele foi "[...] o único dos tiranicidas de todos os tempos, que de um só golpe, vos libertei de dois patifes, ao matar o filho com a espada, e o pai através do grande amor ao filho". (Luciano, 1.). Nesta fala podemos perceber que ele não seria o primeiro tiranicida a existir, já tiveram outros, porém não igual a 'ele', pois teria libertado de forma original, deixou o tirânico sem guarnição, vendo o filho morto cometeu o 'seu próprio tiranicídio'.

Fica claro que não foi o homem quem matou o tirano, não com suas próprias mãos, mas que foi o próprio déspota; porém o suposto tiranicida não quer abrir mão de ser considerado o culpado e receber o prêmio por isso, pois segundo o mesmo, foi ele quem pôs fim a tirania e que sua espada foi sua cúmplice, derrotaram os guardas e o filho do tirano, assim como serviu para que o tirano tirasse a própria vida; foi ele quem arriscou a sua própria vida para libertar a sua pátria e agora é merecedor do prêmio, nada mais justo. O povo já não tinha esperança, pois sabiam que havia outro sucessor (herdeiro) do tirano, como podiam esperar a liberdade, se "[...] a tirania afigurava-se invencível, pois seria um empreendimento contra pessoas muitíssimo poderosas." (Luciano, 6).

Ao longo do discurso o tiranicida chama a atenção do filho do tirano, colocando que este seria pior que o pai, pois o tirano fazia-lhes todas as suas vontades e seus desejos, tornando também cúmplice de suas injustiças, o que fazia com que a situação se tornasse cada vez mais intolerável. Seria o filho responsável por guarda a segurança; por confiscar bens do povo, matar os conspiradores, ultrajar os casamentos, por provocar exílios, etc.,

Em *Da Tirania* de Leo Strauss, apresenta o diálogo de Xenofonte: Hiero ou tyrannicus, em que ocorre um questionamento de Simônides, o poeta, para Hiero, um tirano, à respeito aos prazeres e dores no que se diferem entre quando é para um homem privado e quando é para um tirano, tendo em vista que Hiero já foi um homem privado e que agora é um tirano.

No diálogo Hiero revela que o tirano necessita contratar mercenários estrangeiros, pois sabe que não é querido pelo povo, logo não poderia ter eles para o defendê-lo. Precisa fazer pilhagem, conquistar novos territórios, aumentar os impostos, e se preciso for, até matar aqueles que é contra ele ou que lhe fazem crítica (censurar), pois precisa o tirano zelar pela sua segurança. O bem-estar do tirano estar acima de tudo, e de todos. O tirano sabe que deve de tudo e de todos desconfiar e, até mesmo da própria família. O tirano bem sabe que, quem cometesse o tiranicídio, ao invés de ser castigado, seria louvado pelo povo, ergueriam para ele estátuas nos seus templos ao invés de privá-lo dos rituais sagrados.

Em *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*, Jacyntho Lins Brandão, traz que não era só a camada marginalizada da sociedade que se revoltavam contra os tiranos, mas também haviam intelectuais que se mostravam contra as injustiças do Império; não significando porém que não tivesse havido aqueles que bajulavam o Império, com a esperança de tirar vantagens. Se revelar contra o Império, ou induzir era algo perigoso, que custava até mesmo a própria vida. Edson Arantes Junior em sua tese de doutorado, *Os usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de Memória Romano (séc. II d.C)*, nos fala que “[...] Luciano como um exegeta de seu mundo, intérprete privilegiado e sagaz, que não atacava o Imperador, mas enfatizava o que seria um bom governante, tendo em vista os tiranos de outrora.” (ARANTES JR, 2014,p.182). E que Luciano utilizava de seus personagens para “[...] prevenir os contemporâneos dos possíveis desvios de poder.” (ARANTES JR, 2014,p.182).

Em *O Tiranocida*, o homem reclama para si a recompensa por acabar com a tirania, e se utiliza da seguinte legislação:

[...]são de dois tipos as acusações por homicídio: se alguém sem matar pessoalmente e sem executar o acto por sua própria mão, induzir (outrem) a matar ou lhe proporcionar os meios para tal, a lei considera essa pessoa merecedora da mesma pena [...] mas, por outro lado, não julgarás merecedor de homenagem igual à dos benfeitores aquele que agiu da mesma maneira que ele, mas em prol da cidade? (Luciano, 12).

Além da legislação o homem afirma que agora estão livre e pergunta por causa de quem? Enfim ele tenta mostrar que independente dele ser o autor moral ou

material do crime, ambos devem ter a mesma penalização, que neste causa seria o reconhecimento dele como herói e portanto receber seu prêmio.

Percebe-se que o homem insiste em argumentar sempre o mesmo fato ocorrido, mas sob o viés de sempre parecer ter razão, pois sabe bem que “A argumentação efetiva tem de conceber o auditório presumido tão próximo quanto o possível da realidade”. (PERELMAN, 2005, p.22).

Luciano de Samosáta estudou Retórica, “a arte de bem falar”. Os mestres de retórica, propunham aos seus estudantes exercícios de retórica. No exercício, o aluno fazia uma espécie de redação que depois tinham que ser bem decorada para discursá-la nas aulas ou em uma audiência, são discursos que contém bastante figuras de retórica. Na obra em que analisamos acredita-se que seja possivelmente um exercício de retórica, “É por essa razão que, em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como *o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*.” (PERELMAN, 2005, p.22).

Aristóteles divide os gêneros oratórios em três, quando distingue, o que considera como sendo, três fatores fundamentais de todo discurso:

[...] aquele que fala, o argumento em torno do qual ele fala, a pessoa a quem ele fala. Destes três elementos, o terceiro – o ouvinte é o que determina a estrutura do discurso. Ele pode ser espectador ou juiz; e pode ser juiz de coisas passadas (como juiz de um tribunal), ou de coisas futuras (como o membro de uma assembleia). O espectador, contudo, não ajuíza a respeito da aceitabilidade dos argumentos, mas apenas sobre o talento do orador. (PLEBE, 1978, p.39 – 40.).

Assim conforme o tipo de ouvinte os discursos se dividem em: deliberativos, judiciários e epidícticos. Aristóteles coloca que cada um desses três gêneros se ligam, respectivamente, a um tempo fundamental: futuro, passado e presente.

No gênero de discurso deliberativo o ouvinte é o juiz e irá decidir sobre ao futuro, outra característica do discurso deliberativo é que ele aconselha ou dissuade conforme o que ele quer centralizar nas categorias do útil/nocivo.

Já o gênero judiciário, o ouvinte é o juiz, que irá decidir sobre ao passado, visando à acusação ou defesa, utilizando a categoria justo/injusto.

Enquanto isso o gênero de discursos epidícticos, em que o ouvinte é o espectador, e que será ele que ajuizará do talento do orador, utilizando portanto, o tempo fundamental, o presente, para louvar ou censurar, além disso terão como categorias as do belo e do feio.

Se observarmos qual o tipo de discurso que *O Tiranicida* se aproxima, de acordo com suas características veremos que, ele se encaixa melhor ao gênero judiciário.

Considerações Finais

A obra de Luciano é inquietadora, nos faz perguntarmos o por que de se voltar a falar de tirania, quando não mais se tem a tirania como uma instituição existente; mas sim como um adjetivo a um mau governante, que poderia muito bem ser aplicada a figura do governo do Império Romano, que tinha em suas mãos o controle político sobre os gregos, porém algo é curioso, pois os romanos não conseguem ter a dominação cultural, ficando essa reservada a cultura helênica, que de certa forma preserva a memória de sua cultura. A obra luciânica que analisamos, nos indaga a respeito da intenção do autor; será que queria que seus contemporâneos refletissem a ideia de uma possível liberdade? Teriam mesmos não ter mais esperanças de ter a liberdade como a melhor recompensa? Afinal, a obra de Luciano se torna sim, relevante para discutirmos formas de resistência, mesmo que essa forma fosse, uma resistência nostálgica por recorrer ao passado por uma liberdade que já fora antes concedida aos gregos, e que, agora se almeja de novo.

Agradecimentos

Eu agradeço, primeiramente a Deus que me deu força e saúde para que pudesse produzir esse artigo, e o apoio da minha família. Quero agradecer também a toda a UEG, incluindo, o projeto de Iniciação Científica, com o Programa de Voluntários de Iniciação Científica PVIC/UEG, junto ao Projeto de Pesquisa “Poder, Literatura e Memória: A Representação da Tirania em Luciano de Samósata, sob a orientação do professor Drº Edson Arantes Junior, o qual também o agradeço por fazer parte de um projeto tão importante, da qual a sua orientação foi de fundamental importância para a produção deste artigo.

Referências

ARANTES Junior, Edson. *Os usos políticos da narrativa mítica em Luciano de Samósata: aspectos do regime de memória romano (séc.II d.C.)*. Goiânia: UFG, 2014. (Tese de Doutorado).

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A Poética do Hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósta*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

LUCIANO. Luciano [III]. *O Tiranicida*. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra University Press, 1ª Ed. IUC. 2012.

PERELMAN, Chaïm. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLEBE. Armando.. *Breve história da retórica antiga*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978.

STRAUSS, Leo. *Da Tirania: incluindo a correspondência Strauss-Kojeve*. Brasil, É Realizações, 2017.